

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FILOLOGIA CLÁSSICA, DE NIETZSCHE (PRELEÇÃO DE 3 HORAS, VERÃO DE 1871)*

Francisco Alvarenga Junnior Neto**
(Tradução do alemão)

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O TEXTO

Neste texto, inicialmente apresentado em forma de preleção em Basel em 1871, Nietzsche discute de que modo a compreensão histórica pode ser vista como uma forma de autoconhecimento, com a filologia clássica se posicionando enquanto disciplina que deve acompanhar o desenvolvimento do fenômeno clássico. Para tanto, ele discute a formação do filólogo clássico, considerando inclinações pedagógicas, interesse pela antiguidade e o desejo de conhecimento puro, elementos que, a seu ver, são essenciais para uma pedagogia filológica superior. Nessa preleção, conforme ocorrerá em outros trabalhos filológicos de Nietzsche, a formação filosófica é considerada fundamental, com a sugestão de que um filólogo deve ter uma sólida base filosófica para evitar uma perspectiva presunçosa sobre o classicismo em relação ao mundo moderno. Na sequência, a crítica e a hermenêutica são apontadas como componentes cruciais na formação do filólogo, ressaltando a importância de um método rigoroso desde o início. Por fim, a familiarização progressiva com textos antigos e o desenvolvimento de um método adequado e a clarificação das intuições fundamentais são tomados por essenciais para o estudo da filologia clássica.

NIETZSCHE, F. Einleitung in das Studium der classischen Philologie. In: NIETZSCHE, F. **Gesammelte Werke**. Hrsg. Max Oehler und Richard Oehler. München: Musarion, 1920-1922. p. 339-364.

Ressalta-se que nessa edição Musarion, o texto se inicia já na sexta parte, seguindo até a oitava. Da oitava, o texto continua da décima terceira parte até a décima oitava e é finalizado com uma pequena conclusão.

* Tradução recebida em 28/05/2024 e aprovada para publicação em 20/08/2024.

** Doutorando em Filosofia pela UERJ. Mestre em Filosofia pela FAJE. Graduado em filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). E-mail: franciscocmf@gmail.com.

(TRADUÇÃO)

Descoberta da antiguidade entre os italianos.

Compreensão da antiguidade, penetração amorosa.

O desejo de compreender uma existência clássica. A começar por sua superioridade artística: como o povo tinha que ser para produzir tais gênios?

O entendimento histórico nada mais é do que a compreensão de certos fatos sob pressupostos filosóficos. O valor do entendimento histórico é determinado pela grandeza dos pressupostos. Pois um fato é algo infinito, nunca totalmente reproduzível. Há apenas graus de compreensão histórica.

A pessoa procura a história e encontra nela uma coleção de exemplos para suas percepções. Quanto mais o homem pensa sobre si, mais ele se reconhecerá no passado.

O pressuposto filosófico da filologia clássica é o classicismo da antiguidade. Devemos entender o fenômeno mais elevado e crescer junto com ele. Viver é a tarefa.

Os múltiplos talentos são um pré-requisito: todos querem reconhecer algo e procuram um círculo que lhes convém. Profissão docente. Por que familiarizamos os jovens com a antiguidade?

Sou contra o desejo egoísta de saber. Acima de tudo, alegrar-se com o que está disponível e levá-lo adiante é a tarefa do professor.

1. Dificuldade de contemplação estética: a maioria é enfadonha diante da antiguidade.

2. Seu pré-requisito é um instinto de felicidade altamente móvel.

O relacionamento dos *estudiosos* com os grandes *poetas* é algo ridículo.

§6.

Gênese e formação do Filólogo Clássico

Como tornar-se filólogo? Partir do modelo dos grandes filólogos. Todo trabalho tem de responder a uma necessidade e a cada necessidade um impulso? São possíveis entre os filólogos: 1. inclinação pedagógica; 2. Interesse pela antiguidade; 3. O puro desejo de conhecer.

É preciso que essas três coisas estejam relacionadas à natureza do “professor superior”. Ele que apenas possui um impulso, por exemplo a inclinação pedagógica, não entenderá o amor pela “antiguidade clássica”. Ele se tornará um filólogo geral, ou hoje, um

linguista. Quem possui a segunda inclinação deve ter um senso muito profundo para a barbárie dos não helênicos, e isso raramente emerge no momento certo. A terceira é a inclinação mais comum. Ele procura saciar sua sede de conhecimento onde quer que esteja: mas aqui falta a tendência pedagógica e o conhecimento da antiguidade clássica. Este é o historiador ou linguista.

Agora, como são promovidos esses três impulsos nas escolas secundárias? A inclinação pedagógica é cultivada em algumas instituições de ensino onde os mais velhos têm de ensinar os mais novos. Caso contrário, nada. Mas é, em geral, um impulso que não pode se manifestar tão cedo. É preciso estar suficientemente treinado. É uma experiência muito perigosa quando as inclinações pedagógicas são despertadas demasiado cedo! (os estudantes poderiam se tornar professores!). – Por outro lado, O mais comum é que não haja tempo reservado para a prática, nem mesmo na universidade. Um curso de pedagogia não serve para muita coisa. O principal é a reflexão pessoal, sobretudo a memória fiel do itinerário da própria formação, que é para cada um a mais instrutiva. – É improvável que muitos venham para a filologia por um desejo pedagógico. Na maioria dos casos, há uma aversão ao ofício de pedagogo.

Quanto ao interesse pela antiguidade, devemos tomar cuidado com o falso conceito de cultura clássica que abunda nas escolas secundárias. Como se pudesse tê-lo ou dá-lo. A cultura clássica só é alcançada muito raramente por homens mais velhos. Podemos perguntar isso a propósito de Homero (comparado, por exemplo, a Walter Scott).

O desejo de conhecer e investigar pode ser estimulado em uma fase muito precoce (História absurda De Laspe, que tanto admira Diesterweg¹). Esse desejo busca um domínio e assume aquilo para o qual os jovens já estão preparados. É bastante fortuito que tantas pessoas encontrem e satisfaçam o seu desejo de conhecimento na antiguidade. Eles não têm a necessidade começar novamente, o que delata um certo tipo de inércia e de falta de iniciativa.

Muitos chegam à filologia de uma forma puramente negativa, como os filhos das classes aristocráticas chegam à jurisprudência. – Outros se deixam influenciar pelos mais velhos.

A gênese dos filólogos *não* é geralmente gloriosa: o desejo de saber é claramente visto em muitos que querem seguir em frente, o que significa que tendem a converter-se em eruditos. Esses eruditos não são, na maioria dos casos, em absoluto pedagogos, mas sentem,

¹ Adolf Diesterweg (1790-1866) foi um pedagogo reconhecido pelas reformas introduzidas na formação dos educadores. Conheceu a De Laspe em 1817, aluno modelo de outro grande pedagogo da época, Pestalozzi.

pelo contrário, aversão ao ensino e não são de forma alguma filólogos clássicos. Tampouco têm sentido estético.

Tomadas separadamente, nenhuma dessas inclinações é justificada. A erudição é despertada e promovida, nas escolas secundárias, por esses eruditos. Pense na interpretação dos textos. Para conhecer línguas antigas são necessários exercícios de estilo e de locução, exercícios que só fazem sentido na idade madura do homem: quando este já tem um caráter firme. Esses exercícios também pressupõem um sentido estético. Pensemos nos efeitos perniciosos do latim sobre o estilo alemão, escola preparatória para esta universidade do estilo de jornalistas, com a frase “bela em si mesma”. A linguagem não deve ser, contudo, mais do que um médio de leitura e não deve ser transformada em um fim em si mesma, como normalmente acontece do ponto de vista acadêmico.

Nossas escolas secundárias tendem a produzir eruditos devido aos seus professores eruditos. Compare isso com a educação dos gregos, entre os quais homens como Platão e Aristóteles eram possíveis. – Estes eruditos não são de forma alguma capazes *de* defender a *antiguidade clássica na escola*. Refugiam-se atrás do valor formal do latim, embora neste caso a matemática tenha mais valor para o pensamento.

O filólogo não é, portanto, nada mais que um historiador especializado, pois é apenas um erudito. Para ser um pedagogo no sentido elevado do termo, é preciso compreender o clássico. Mas como ele não pode convencer os jovens sobre a importância do classicismo, deve encontrar outro campo de prática para a sua vocação docente. Ou seja, deve ser o professor ideal para as faixas etárias mais qualificadas: professor e divulgador de materiais culturais, intermediário entre os grandes gênios e os novos que estão por vir, entre o grande passado e o futuro. Possui uma enorme capacidade de produção repetitiva, é um gênio virtuoso comparado ao gênio produtor. – Esta é sua tendência durante toda a sua vida. Sua tarefa consiste em tornar-se um bom professor do ensino secundário.

Por esta razão é preciso abordar a antiguidade sob três pontos de vista: 1. É necessário que você se torne receptivo inteiramente a ela; 2. Você tem que ser educado pela antiguidade para tornar possível que sua educação possa, por sua vez, beneficiar outros; 3. Como estudioso, deve dedicar-se à antiguidade para familiarizar os jovens com o espírito científico. Assim, como homem, como pedagogo e como erudito deve aproximar-se da antiguidade. O mais importante (e o mais difícil) é deixar-se penetrar pela antiguidade com amor e vivenciar a sua diferença em relação a ela. Só então se poderá ser educado pela

antiguidade (a criança deve amar seu pai se ele quiser educá-lo), e só então também se tornará um erudito verdadeiramente produtivo (só do amor surgem as visões mais profundas).

O meio mais importante para favorecer a receptividade a respeito da antiguidade é ser um homem moderno que esteja verdadeiramente em relação com os grandes modernos. É especialmente importante conhecer Winckelmann, Lessing, Schiller e Goethe, de modo que sintamos de algum modo com eles e a partir deles o que é a antiguidade para o homem moderno. Precisamos estimular o impulso, o anseio. – Logo, se for possível, é conveniente cultivar a prática das artes para sentir a distância que nos separa. – Em terceiro lugar, a contemplação da arte antiga e a assídua leitura que devem ser oportunamente dirigidas. Devem-se evitar os escritos que os modernos superaram de uma forma ou de outra, por exemplo os escritos filosóficos de Cícero. Pelo contrário, devem-se preferir os escritos propriamente clássicos que produzem uma viva impressão, como a tragédia, os escritos dos historiadores (Tácito, Salustio), os discursos ciceronianos; Homero, e as crônicas das guerras persas. A princípio, não são os conhecimentos estéticos que importam antes de tudo, mas apenas a familiarização progressiva com esses textos. É preciso dedicar-se apenas aos maiores e ver a leitura como uma forma de conviver com eles (influência de Plutarco no século passado). A reflexão do filólogo se orienta para a comparação: no exemplo isolado nada pode ser reproduzido, somente em grande estilo é possível uma imitação. Aproximamo-nos dos romanos mais rapidamente. Aqui se encontra a grandeza de um impulso altruísta ao qual cada um se sacrifica: portanto, o patético e o sério. Pelo contrário, os gregos tinham um idealismo muito mais elevado, ao que nos leva. O belo como medida da vida nunca foi alcançado.

Assim que se aproximar da antiguidade, o filólogo experimentará o impulso pedagógico e sentirá o desejo ardente de ser um verdadeiro erudito. Nesse estado já está maduro para os estudos filológicos. Ele tentará, então, orientar-se, antes de tudo, no todo. O mais importante então é experimentar o que significa realmente apropriar-se dos antigos. Nesse momento tudo depende de um bom método e de uma orientação adequada, mas, sobretudo, de um esclarecimento das próprias intuições fundamentais.

§7.

A preparação filosófica para a filologia

Muitas vezes tem sido sugerido que todo estudioso competente deve primeiro estudar filosofia durante um ano: para que não seja como o trabalhador da fábrica que gira seus

parafusos ano após ano. É preciso que o filólogo clássico se apoie constante e firmemente na filosofia, tendo como fim que sua reivindicação do classicismo da antiguidade, frente ao mundo moderno, não soe como uma presunção ridícula. Pois, desse modo, emite um juízo. Trata-se exclusivamente de questões de princípio. Para aqueles que acreditam ter ocorrido um enorme progresso é preciso responder se isso conduz a uma valoração correta, e se o aumento do conhecimento é realmente um progresso quando os instintos políticos, religiosos e artísticos diminuem. Ou, se a importância completamente devastadora da religião desde o início do cristianismo, que negou a cultura e o Estado, constitui um progresso. Compare o excesso desses desenvolvimentos isolados com o modelo da época de Ésquilo, a grande harmonia do ser: piedade fundamental, profunda concepção do mundo, pontos de vista filosóficos ousados, guerreiros, políticos e tudo formando um todo harmonioso.

Depois de abordar a questão do que é pagão e do que é cristão, e de responder que não existe, na realidade, uma verdadeira separação entre os dois, a principal questão a levantar é a do pessimismo ou do otimismo em relação à existência. Tanto no cristianismo como no paganismo ocorrem as atitudes mais graves, por exemplo, os mistérios, pano de fundo da tragédia de Empédocles, todo o século VI: enquanto na secularização da igreja e suas pretensões políticas há um elemento pagão, isto é um elemento otimista. Devemos ter cuidado com a expressão: serenidade grega.

Passando à arte, devemos mostrar, a exemplo de Schiller e Goethe, que nossa arte tem a forma de experimentação contínua. Parece que a beleza é exclusivamente grega: o romano (arte grega traduzida para o estilo romano) é mais dotado de beleza do que o alemão, mas depois do terrível achatamento dos costumes, só alcança o que é agradável. O alemão tem a força e profundidade de sensação, mas, ao mesmo tempo, um fraco sentimento de beleza. Consideremos, por exemplo, o estilo alemão: é puro naturalismo, em oposição à regularidade grega. A arte grega é a única que superou as limitações nacionais: aqui acessamos, sobretudo, o humano (*Humanität*), ou seja, não o homem médio, mas a humanidade (*Menscheit*) mais elevada.

Há uma unidade entre arte e religião gregas: enquanto os modernos separam as duas. Há também unidade e estreita ligação entre a arte antiga e o Estado, por exemplo, na tragédia, algo agora bastante estranho. O homem moderno está dilacerado e fragmentado. Quando se diz que só o homem moderno se emancipou do Estado e é um indivíduo, é uma proposição (*Satz*) do cosmopolitismo esclarecido. Contudo, é verdade que entre os gregos era possível uma formação da subjetividade totalmente diferente daquela que ocorre entre nós, com nossa

forma de educação padronizada e nada original. Ao mesmo tempo, porém, a subjetividade grega foi baseada no solo nativo (*heimich*), de modo que o que há de excepcional em nós constitui neles a manifestação suprema da regra.

Nos estados gregos, os escravos queriam ser julgados com justiça: para isso nós temos dificuldades sociais. Os “Internacionalistas” nos mostram os grandes males que nosso Estado e nossa sociedade sofrem. Certos fatos tristes pertencem à natureza das coisas. – As mulheres gregas ocupavam posição supostamente indigna, mas tudo deve ser examinado com cuidado, sem excessiva suavidade e sem ingenuidade de que tudo é agora tão belo quanto possível. Acima de tudo, é importante não ter um falso conceito de humanidade: a humanidade nada tem a ver com “direitos fundamentais”. Devemos ter sempre em mente, como princípio, que o homem ideal, ou seja, aquele que possui um conjunto de grandes talentos e um equilíbrio em seus instintos (aquele que é profundo, doce, artístico, político, belo e nobre em formas), é uma coisa estranha. Que imagem devemos criar de Atenas de Sófocles, com o nosso verniz latino de cultura, com o nosso virtuosismo unilateral atrofiado em todo o resto?

Tudo o que vemos ao nosso redor e tudo o que somos convida à comparação. Por isso é necessário que o filólogo tenha um espírito contemplativo. Ele deve se educar para essa comparação. Com isso ele não se tornará grego, mas ele colocará em prática o material mais elevado da cultura e não será mais levado tumultuosamente pelo presente.

A comparação com a antiguidade consiste, sobretudo, em reconhecer que os fatos óbvios, bem conhecidos por todos precisam ser explicados. Essa é a verdadeira característica do filósofo. Portanto, devemos começar com uma concepção filosófica da antiguidade. Apenas quando o filólogo tiver justificado com razões seu instinto de classicismo, ele pode aprofundar os detalhes sem ter de temer perder o fio da meada. É precisamente nisso que a filologia é tão perigosa, e tão fácil se permanecer preso aos detalhes, enquanto que para o espírito filosófico generalizador o menor fato isolado recebe luz de todos os lados.

O filólogo deve, portanto, antes de tudo, permanecer na universidade, considerar as coisas com seriedade e amplitude, e arrancar a si mesmo e a seu entorno do mundo aquilo que é disperso. É por isso que ele deve estudar filosofia, por uma necessidade interna. Aqui, a união de Platão e Kant será muito útil para ele. Ele deve primeiro ser convencido do idealismo e corrigir sua visão ingênua da realidade: uma vez que ele tenha adquirido esta visão fundamental, ele terá ganhado coragem para grandes reflexões e não se assustará com o aparentemente paradoxal: o bom senso não importará mais a ele. Ele deve agora ter a coragem de buscar seu próprio caminho.

§8.

A preparação para a hermenêutica e a crítica

Em geral: o método de *compreensão* e *interpretação* de algo que foi transmitido por tradição. Portanto: 1. A determinação da tradição (do fato); 2. A compreensão e avaliação da tradição. Vê-se aqui que ambos os métodos formam um conjunto no mais alto nível de generalidade e que só devem ser distinguidos em suas bases. Um fenômeno é primeiro fixado e depois explicado, ou seja, o fato isolado é classificado por seções: este é o *procedimento científico* real.

Levando em conta que a transmissão consiste comumente na escritura, é necessário aprender novamente a *ler*: pois desaprendemos a fazê-lo devido à hegemonia da letra impressa. Nesse sentido, é essencial reconhecer que, para a literatura antiga, a literatura é apenas um substituto ou memória. As tragédias, por exemplo, não são a leitura de dramas feitos para serem lidos. Quanto esforço é necessário para não considerar Homero como uma obra literária, como o fez Wolf pela primeira vez!

À primeira vista, a tarefa de *entender* um autor ou um fato histórico parece fácil, mas é muito difícil, dada a imensa distância e diferença de nacionalidade. Não saímos do mesmo elemento que tentamos explicar aqui. Devemos, portanto, tentar nos aproximar uns dos outros por meio de analogias. A esse respeito, nossa *compreensão da* antiguidade é uma *paralelização* perpétua e, talvez, inconsciente. Isso também se aplica a toda leitura usual, mas, sobretudo, é aplicável a obras antigas, em que tudo nos parece estranho: as palavras, o sotaque, o estilo, o caráter do autor, o tempo e os fatos abordados. Aqui é impossível entender tudo de uma vez, mas *gradualmente*. Por outro lado, é questionável se estamos tratando puramente da antiguidade ou se não há rudimentos de tradição em nós. Essa é a tarefa de *crítica inferior*, enquanto o resto se enquadra no conceito de *hermenêutica*, exceto as questões máximas da *crítica superior*, ou seja, o julgamento de um fenômeno antigo do ponto de vista liberal e moderno. É por isso que o período helênico, por exemplo, é considerado nada mais do que uma *tradição de* leis eternamente válidas que foram alteradas aqui e ali. O julgamento estético faz parte dessa tarefa, e com frequência se junta a ela o trabalho de saber o que é autêntico e o que não é. Em resumo, a *crítica* diz respeito à *transmissão*, e a *hermenêutica* àquilo que é transmitido.

É muito importante que o jovem filólogo se acostume, desde o início, tanto à crítica como à hermenêutica, mediante um método rigoroso. Mais tarde, a deformação dificilmente

pode ser recuperada. Os livros mais eruditos não fazem, às vezes, mais que causar confusão e carecem de utilidade, por lhes faltar essa base segura. Trata-se de uma questão ética. O impulso da verdade apenas se satisfaz com operações rigorosamente *lógicas*. Um filólogo dotado de caráter faz aqui as mais rigorosas exigências. É possível que suas necessidades *estéticas* e *éticas* estejam em conflito e se oponham umas às outras. Porém, a ciência não tem nada a ver com o proveito, sem o prazer que a verdade rigorosa produz. Não obstante, a estética não deve ser considerada, em geral, como puro prazer. Isso é puro *diletantismo*. *Pelo contrário*, trata-se de ascender ao ideal mais elevado em que a verdade está incluída.

Até que ponto *a transmissão necessita de crítica*? 1. Por exemplo, com Homero, a transição escrita de acordo com uma memória desperta, segundo diversas; 2. Transmissão dos trágicos por atores; 3. Por eruditos no caso de Homero; 4. Por poetas imitadores e *aperfeiçoadores*, por exemplo, o *Prometeu* de Ésquilo; 5. Por meio de várias revisões, que podem ser encontradas lado a lado; 6. Por erros de memória nas citações; 7. Por falsas inscrições, no sentido de detalhes panegíricos; 8. Fases diversas no cuidado que se coloca, se revisa ou não, por exemplo, em Virgílio; 9. Por mentiras piedosas, por exemplo, o Oráculo Sibilino; 10. Negligência e aborrecimento dos trabalhadores que escrevem *propoena* (para cumprir um castigo); 11. Erros de audição; 12. Correções arbitrárias, que na verdade pioram, tanto dos escritos que escrevem quanto os que corrigem; 13. Concepções que causam mal-entendidos sobre os textos antigos, por exemplo, em Píndaro; 14. Distorções devido ao passar do tempo, do fogo, da água, dos vermes; 15. Adições elegantes das edições modernas; 16. Extratos de obras completas (trechos), por exemplo, na Teogonia.

Pré-requisitos para essa crítica: 1. Lógica rigorosa; 2. Especial conhecimento da linguagem; 3. Bom senso das possibilidades de corrupção do texto; 4. Compreensão suficiente da realidade, ou seja, sentido hermenêutico.

Nesse sentido, a hermenêutica é a preparação da crítica. A crítica em si não pode ser o objetivo, mas apenas o meio para a *compreensão real*. Desse modo, a crítica é apenas uma fase da hermenêutica. Na maioria dos casos são as individualidades e suas tendências que decidem onde se deve colocar a ênfase. Em todo caso, ambas estão entrelaçadas.

Aquele que da mesma forma quisesse, com desconfiança, testar cada fato e cada passagem, nunca sairia disso ou o faria muito lentamente (por isso a crítica não é supervalorizada, como muitas vezes acontece na escola de Bentley). As grandes descobertas foram extraídas com grande esforço da antiguidade, principalmente graças à escola de Bentley. Temos mais sorte nisso do que em qualquer um dos séculos anteriores, uma vez que

quase todos os textos importantes já foram corrigidos. Esse rigor moral é a característica do nosso tempo. Em breve será possível recompor os objetos, período de síntese *após a análise*. Em todo o caso, temos o dever de não deixar passar nada. Devemos mostrar-nos dignos, sobretudo da era da análise antes de nos permitirmos pensar na era da síntese. Devemos ao período analítico o conhecimento de gramática, da métrica, da antiguidade, da história da literatura, etc. Uma leitura superficial, por divisão ou imitação não leva à ciência. O perigo está em confiar demasiadamente na crítica, isto é, na razão estrita. Quantos filólogos não conseguem superar isso! Contudo, tais sacrifícios não seriam inúteis se pelo menos estas naturezas não fingissem tentar se orientar. A todo momento é necessário um trabalho árduo nessas carreiras: mas é preciso que as carreiras também se permitiam ser comandadas. Se eles tentassem construí-las, que vergonha para eles e para a ciência! – Qualquer um que traga consigo nada mais do que conhecimento e bom senso pode ser usado para um excelente serviço, mas para *nada mais*. Ele não está predestinado a ser filólogo porque não é filósofo e porque também não é um artista. – Porém, quem não tiver conhecimento ou bom senso saudável deve ser expulso de qualquer meio.

§13.

Generalidades sobre o método dos estudos filológicos

Tivemos três pontos de vista principais: uma preparação filosófica, uma metodologia correta e uma orientação geral. A importância da metodologia certa foi mencionada desde o início. Os estudos universitários devem fazer dela um hábito bom e seguro. Deve-se praticá-la dia após dia, como o médico. Meios para isso:

1. Cursos de exegese e cursos especiais de história ou antiguidades, pois é sempre necessária a preparação para compreender corretamente o método do professor. O curso tem a desvantagem de você nunca ter certeza daquilo que foi compreendido ou se o que você disse levantou dúvidas ou objeções entre aqueles que o ouvem. Há também o diferente nível de formação dos ouvintes, que às vezes não é suficiente para a compreensão. Porém, o pior é que a preparação para isso é considerada supérflua, enquanto é a única maneira de compreender algo e depois frequentar um curso de nível superior. Para muitos cursos esse tipo de preparação não é possível. *Non multas sed multum* [não muitas coisas, mas algo de importante]. O principal valor do curso é sempre seu valor metodológico, pois no que diz respeito ao estudo em si, já existem, na maioria dos casos, livros apropriados.

2. Exercícios de seminário em que o indivíduo pode esclarecer se está no caminho certo. O seminário deverá fornecer provas de um estudo autônomo, para o qual é útil escolher, para a própria formação, um texto de dimensões limitadas e trabalhá-lo minuciosamente e detalhadamente por si mesmo até que se torne propriedade pessoal. Da mesma forma, é útil fazer de um determinado problema superior o nosso trabalho favorito, meditar sobre ele, reunir o máximo de literatura possível, etc. O método correto só é aprendido por meio de um constante exercício. Um seminário não tem sentido se não estiver relacionado à produção dos melhores filólogos.

3. Leitura de filólogos que utilizam um método correto, ou seja, aqueles que apresentam com amor e cuidado e não se limitam a oferecer resultados. Por exemplo, Bentley ou Wolf, mais recentemente G. Hermann e, acima de tudo, Ritschl, *Digressões plautinas, Opúsculos, Parerga Plautina*.

Se o filólogo agora pratica essas técnicas, com base na *práxis* atual, deve-se colocar a questão de saber como ele se comporta em relação à linguística. Na maioria dos casos, os estudantes são divididos em dois grupos principais: os críticos e linguistas comparativos. Essa divisão revela uma situação de crise que prova que os estudantes perderam de vista o seu objetivo imediato e superior. Como linguistas, que consideram o latim e o grego apenas como uma língua entre outras, eles nada têm a ver com a *escola*: são atividades acadêmicas paralelas que contradizem a tendência clássica dos estudos de bacharelado. Para a escola, a língua é apenas um meio e a primeira aquisição é, portanto, uma necessidade. Daí a rejeição da aprendizagem genética reflexiva. Então, tais aberrações ocorrem quando alguém usa as aulas de *grego* para esclarecer o significado da *língua*. Senhores, sigam as tendências clássicas no Ginásio! Então, logo terão um objetivo bem determinado para seus estudos universitários. O que vocês colocam em prática depende de vocês. As ciências naturais e a linguística comparada estão praticamente no mesmo nível. Esses trabalhos acadêmicos nada têm a ver com os propósitos escolares. Para o filólogo clássico, o grego e o latim nunca deveriam ser uma língua entre muitas outras. A questão de saber se a sua estrutura concorda com a de outras línguas é, para o Ginásio, irrelevante. O que importa é, justamente, o incomum, é nisto que se tem de mergulhar.

Lidar temporariamente com os resultados da linguística comparada também tem, naturalmente, maior valor para o filólogo clássico. É até inevitável para ele como estudioso. Mas deve continuar a ser um meio para atingir o seu objetivo principal, em vez de se tornar o objetivo, como tantas vezes acontece. Acima de tudo, precisamos de uma perspectiva viva

sobre a linguagem como expressão da alma do povo, e também temos que superar o rígido formalismo da antiga filologia clássica com a ajuda da linguística. Mas o filólogo não deve cometer erros no uso do tempo enquanto se prepara para se tornar professor! – Por outro lado, o método crítico-hermenêutico é algo *indispensável*; é algo essencial que o futuro professor dá a si mesmo e proporciona aos seus alunos em uma disciplina científica rigorosa. Com ele, o futuro professor não só se torna um diletante, mas também se transforma. Lidar com autores e monumentos antigos é, para ele, seu ponto central, enquanto seu objetivo é a compreensão dos clássicos, medido pelo valor comparativo das línguas em relação a esse objetivo. Portanto, o método crítico-hermenêutico nada mais é do que a forma correta de abordar a antiguidade. Nesse contexto, o filólogo deve estudar a gramática para penetrar no antigo modo de expressão. O que lhe importa e o que há de distintivo no grego e no latim em comparação com o nosso mundo moderno. Pois é por referência a nós que podemos falamos de classicismo, no que diz respeito ao nosso mundo moderno e não aos indianos, babilônios e egípcios.

§14.

Os conhecimentos em relação ao método

Com isso começamos a nos *orientar*. Durante algum tempo, a diferença de abordagem foi a causa de um violento combate entre a filologia dos fatos e a filologia da linguagem ou linguística (*Sach-und Sprachphilologie*): onde a filologia linguística, do ponto de vista *prático*, defendeu o método e reprovou os seus oponentes pela sua falta de profundidade e falta de método; na verdade, buscou-se o método de pesquisa da antiguidade e da história. A fase da erudição puramente eclética já havia sido ultrapassada. Na linguística já era muito mais rigoroso e muito mais bem preparado. O fator decisivo contra o partido da filologia linguística naquela época era a linguística comparativa, uma vez que demonstrou a natureza não científica e a falta de metodologia no tratamento da *linguagem*. O valor dos melhores professores e dos melhores livros é agora completamente transferido para o elemento metódico. O coletivo de eruditos quase não tem crédito. “Método” quase se tornou uma palavra de ordem. Uma massa de forças medíocres, que antes vagueavam independentemente, foi agora colocada sob firme controle e usada para a salvação da ciência. Esse é o benefício mais imediato da metodologia acadêmica. Por essa razão, a formação de *escolas* está agora mais do que nunca provando que existe um método ensinável, e que há um número de pioneiros para abrir o caminho e iniciar o trabalho.

De acordo com isso, os estudos acadêmicos adquiriram uma certa orientação que, na maioria das vezes, perde de vista a profissão que vem em seguida, a de *professor*. Como um trabalhador útil em algum canto da ciência, o filólogo terá carecido de uma formação mais completa e terá perdido, sobretudo, o amor pelos clássicos. Costumamos nos consolar dizendo: “quem faz uma coisa bem, faz tudo bem”; ou “dele depende da preparação dos alunos para as ciências”. As consequências que advêm do fato de essa inclinação para o clássico ter quase desaparecido e de as escolas secundárias terem se tornado palco de todo tipo de erudição de professores são de natureza prática. Caso contrário, podem-se ler as resenhas nas seções pedagógicas: as aulas de grego são usadas para fazer especulações sobre a essência da língua, etc.— Exijo que o impulso científico também seja dominado pela tendência clássica, para que os meios desse impulso científico não se tornem um fim em si mesmos, muito menos o único fim. O método e conhecimento são apenas meios. Nem o lógico formal nem o compilador acadêmico são *professores de filologia clássica*.

Essa tendência clássica procura o seguinte: 1. Aproximar-se cientificamente da antiguidade, 2. Ter um autêntico domínio da antiguidade. Visa alcançar o conhecimento mais geral: basta saber quais fatos isolados têm valor típico de muitos outros, caso contrário tal domínio da antiguidade seria impossível. Trata-se de aprender o máximo possível com um fato, por isso é tão necessário analisá-lo com seriedade e método.

O que importa, pois, é menos a quantidade que o *como*. A erudição deve ser comparada à armadura que oprime os fracos. A ninguém deveria estar permitido saber mais do que é capaz de arrastar, nem mais do que é capaz de carregar com uma bela postura. A extensão dos conhecimentos não deve, portanto, ser prescrita, nem qualquer conselho deve ser dado. Mesmo a posição de docente não fornece nenhum critério quantitativo, mas talvez um domínio de determinados conhecimentos, por exemplo, em gramática. O melhor é que todos têm uma inclinação muito individual para abordar a antiguidade. Nossa tarefa é apenas lhe dar indicações sobre como ele pode se aproximar mais facilmente e com mais confiança de determinadas áreas. O principal sempre permanece: que haja uma necessidade de aprender e experimentar algo. O que foi memorizado artificialmente e coletado permanece morto, ou seja, não se assimila ao núcleo produtivo, nem se torna carne e sangue, mas antes oprime o indivíduo e o prejudica: são como balas de chumbo no corpo.

Do ponto de vista prático da minha propedêutica filológica, só posso dar uma série de conselhos, indicar bons livros, chamar a atenção para as principais questões com que o filólogo tem de se relacionar sempre e, acima de tudo, enfatizar o ponto de vista do *professor*.

§17.**Sobre a leitura dos autores gregos e romanos**

A importância dos costumes de cada centro de bacharelado; o costume de leituras particulares, a importância da leitura nas aulas. Nunca esqueçais que não formamos filólogos, enquanto eruditos, e nem o verdadeiramente culto, é o objetivo real do Ginásio. Depois, há a apreciação diferente do latim e do grego: o latim domina em termos de número de aulas, mas, por outro lado, são reivindicadas práticas de estilo latino. Recentemente, exigiu-se que o grego fosse colocado, pelo menos, no mesmo nível do latim; E. v. Hartmann exige até uma subordinação significativa do latim. Ele limita o conhecimento do latim à capacidade de compreender facilmente documentos históricos. É verdade que, do ponto de vista histórico, as escolas secundárias desenvolveram-se a partir de escolas latinas. Quando se tratava de educação formal, um idioma era suficiente. Você poderia escolher. No que diz respeito à missão cultural humana, ela transcende os romanos: as obras dos gregos são sempre mais inacessíveis e mais dignas de admiração, enquanto que as dos romanos são sempre mais superficiais, mais cinzentas e artificiais. Precisamente o que é originalmente romano, a doutrina do direito, é inutilizável para os estudantes. Temos aqui uma consequência grave do ponto de vista educativo, que não deve ser tomada como desrespeito pelos estudos especializados: ninguém ensinará sânscrito no Ginásio. Assim, num determinado momento, o filólogo ingressará na universidade de uma forma muito menos filológica. Agora isso se tornou muito fácil para ele.

É importante, no entanto, que a leitura no ginásio ainda caia, em sua maioria, em um estado de imaturidade espiritual. É uma fantasia prejudicial supor que conhecemos algo somente porque o conhecemos no ginásio. Em relação à leitura, é preciso que cada estudante de filologia comece pelo início. Faz falta que uma norma intervenha na escolha das leituras. Naturalmente, o estudante deve se aprofundar onde os elementos clássicos se revelaram a ele: é preciso que a leitura seja uma conquista gradual. As fórmulas mais comuns são: partir de Homero, com fundo sentimental (pensar em Schiller: “Sentimos o natural, porém os antigos sentiam naturalmente”; estudar a vivacidade sensível com o Laocoonte de Lessing); a composição (“motivos retardam a leitura”, sobre “o ético e o trágico”; comparar a correspondência entre Goethe e Schiller sobre o brilho das cores e o modo em que se convertem em naturais as metáforas homéricas nas viagens de Goethe pela Itália (Sicília)).

O filólogo sentimental e artista se apressará em frequentar os poetas líricos e entenderá como clássica a força objetiva do poeta erótico Íbico e de poetas rivais como Píndaro e Simônides; somente nossa prática moderna deu à nossa estética a ideia de fazer uma distinção entre a poesia subjetiva e poesia objetiva. Logo, passará para a tragédia, tão difícil de se entender! Goethe pensa que os antigos fazem, também nessa área, uma poesia não fundamentada no páthos (*unpathologischdichteten*). Grandes enigmas, o coro, o espectador ideal, as máscaras, o caráter amplo e retórico dos discursos, o parco elemento dramático, o contraste do musical dionisiaco com o apolíneo, o uso de dialetos, a construção, a unidade da composição, a tetralogia, etc. Agora o estudante toma uma posição em relação aos romanos, que não sentem visivelmente tão fortemente quanto nós o caráter propriamente exemplar dos helênicos, uma vez que, em construção e capacidade, eles estão mais intimamente relacionados com os gregos do que nós. Isso fica evidente, sobretudo, no domínio artístico da linguagem: Cícero é inigualável na bela construção, cheia de dignidade. Para compreender os poetas latinos é necessário conhecer os alexandrinos, por exemplo, Apolônio de Rodes, para apreciar a Eneida, Calímaco para saber apreciar Propércio. A sátira é muito curiosa, um gênero poético duvidoso, mais retórico do que moral segundo seu fundamento. O mesmo se pode dizer da forma como Tácito escreve a história: contrasta com o ingênuo e homérico Heródoto homérico, e mesmo com Tucídides, e aparece muito próximo de Salústio. O pulso ético e o senso de beleza na representação não mais se sustentam: a linguagem quase parece ser um meio de *comprimir* o sentimento violento, não mais encontrando a forma apropriada. O mais incrível é Demóstenes. O mais elevado *pathos* sentimental fala por meio de suas palavras mais simples de forma pura e transparente. É difícil entender; embora Cícero seja muito mais fácil, nele se sente uma determinação semelhante à de Demóstenes, mas ele tem contra si a pomposa virtude nacional romana. Os escritos sobre retórica mostram uma força totalmente esquecida, capaz de guiar sua paixão sob as rédeas da consideração, da inteligência e da beleza. Toda a esfera pública é, para nós, puramente clássica. Um dos escritos mais notáveis é, por isso, o *Diálogo espiritual dos Oradores*.

A leitura dos antigos nos mostra o homem antigo mais claramente do que os livros modernos nos mostram o homem moderno. Não só a escrita mudou de natureza, mas também a beleza e a frequência da palavra. Platão fala mais claramente e caracteriza o literário como um belo jogo que somente tem valor como memória (ἀνάμνησις) em um diálogo. Este é o encanto dos diálogos platônicos: não temos diante de nós um mundo

imaginário meramente literário, mas um mundo verdadeiramente helênico. Nisto está a diferença para com os romanos: Cícero em suas cartas é o escritor, por assim dizer das cursivas (*cursivschrift*), enquanto que seus diálogos são da escrita maiúscula (*capitalschrift*).

Sobre o método de leitura. É possível considerar essa questão segundo uma quantidade inacreditável de pontos de vista. Quem olha de início o escritor em função de aspectos determinados pode ter certeza que fará uma leitura superficial e estéril sobre ele. É absolutamente necessário sempre tomar notas e fichamentos, não apenas os parágrafos do texto, mas também impressões, que, se perdidas, são as mais difíceis de encontrar novamente. A leitura frequente da mesma escritura é muito mais importante do que realizar múltiplas leituras dispersas. O verdadeiramente digno de ser destacado não aparece imediatamente: como no caso de passagens deterioradas, a alteração não é percebida senão tardiamente, após um longo exame. A compreensão de uma obra de arte antiga é um problema muito difícil, é preciso acrescentar tanto por meio da imaginação (por exemplo, no caso do drama), e há a detestável perturbação causada pelas corrupções dos textos. O mesmo se aplica à compreensão de uma língua artisticamente bela: faz falta, nesse caso, muita reflexão, variar constantemente as formas de expressão com o objetivo de apreciar o valor daquelas que foram escolhidas. As compilações de natureza linguística são resultam, para esse efeito, muito úteis.

Sobre a história da literatura, dada a inclinação predominante, este é o momento de confessar o que é mais preocupante. A maioria dos erros se inicia furtivamente por meio da crença na tradição: uma história da literatura é um conjunto de exemplos, de máximas éticas, estéticas, sociais e políticas, portanto, extremamente subjetiva! Estude as opiniões de filólogos mais antigos para tomar consciência disso!

É muito preocupante abordar a antiguidade por meio de estereótipos, e antes mesmo de se examinarem de perto as obras. Portanto, além de um breve esboço e nomenclatura dos autores, não há necessidade de uma história da literatura para começar. Sem dúvida, para qualquer filólogo verdadeiro a tarefa mais séria é produzir incessantemente uma história com uma concepção original! Com eternas correções em função de novas observações e comparações! e uma ampliação gradual, quando o sentimento e o juízo se tornam mais seguros. Esta é, no geral, a objeção que se faz aos cursos chamados sistemáticos: querer transmitir os resultados em uma idade que somente se está verdadeiramente maduro para indicações introdutórias. Ninguém que é jovem suspeitaria do significado do *Prolegômeno* de Wolf para seu tempo. O estudante domina tão pouco os pressupostos quanto as consequências, razão pela qual a leitura e o exame

de monumentos literários antigos são um valor tão capital. É aqui que a verdadeira originalidade pode se mostrar: as disciplinas devem se tornar um resultado natural de inúmeras considerações individuais.

Na leitura, o indivíduo testa a sua originalidade e profundidade de seus pressupostos gerais. É importante saber, de fato, se o que você lê se torna sua carne e sangue. Às vezes, o estudioso fica completamente entediado por pedir constantemente coisas emprestadas. Em geral, a maneira mais segura de evitar ter seus próprios pensamentos é pegar um livro a cada minuto livre. Daí aquele verso: “O que você herdou de seus antepassados você tem que adquirir para possuir”².

§18.

Sobre o estudo dos filósofos antigos

Basicamente, em qualquer ciência moderna, por exemplo na matemática e na medicina, na agricultura ou na criação de cavalos, se poderia perguntar: como era entre os antigos? Os antigos alcançaram o mais elevado caráter científico clássico enquanto filósofos. Nunca houve, nem mesmo de forma aproximada, uma série de pensadores em que todas as possibilidades filosóficas pudessem, por assim dizer, ser experimentadas. O primeiro período foi, talvez, o mais fascinante, com naturezas originais tão magníficas como as de Pitágoras, Heráclito, Empédocles, Parmênides, Demócrito, figuras que, sem exceção, não conhecem a contradição entre o que se é e o que se pensa, e que demonstram claramente sua teoria por meio da prática. A perda de suas obras constitui uma perda imensa. É extremamente assombroso observar como em um povo tão instintivamente criativo, o pensamento se desenvolve ao lado da forma. No conjunto não há contradição, mas os diferentes lados, mesmo as características particulares do povo, vêm à tona em diferentes temas filosóficos. O erudito é, nessa época, desconhecido, assim como a separação das ciências. Eram, por assim dizer, tentativas de conquistar o mundo por meio do pensamento; todos os sistemas posteriores se anunciam aqui. Os fragmentos devem ser estudados em sua forma original.

Os sofistas aparecem depois, quando se desenvolve um ensino abstrato que, para nós modernos, está tão próximo que apenas podemos compreender a aversão pelos sofistas que sentiram Platão e Aristóteles. A propósito, toda a Grécia educada, por sinal,

² Verso do *Fausto*, de Goethe.

estava do lado deles. Grote³ tem o mérito de tê-la caracterizado mais corretamente. Mas isso só se converte em algo mais profundo quando se entende Sócrates, segundo Aristófanes, como a quintessência da sofística. Com efeito, a ciência se faz agora agressiva e quer corrigir o que existe. Antes os antigos só queriam conhecer e acreditavam na aristocracia do conhecimento. Agora, se acredita que o mérito pode ser ensinado, de onde procede o sectarismo introduzido por Sócrates, que dissolve o antigo vínculo entre costume e instinto político. O único grupo antagonista antigo, o grupo pitagórico, era precisamente representante dos instintos políticos. Sócrates quer colocar o conhecimento no lugar dos instintos, mas não o encontra em lugar algum e, portanto, nega os frutos da ilusão (*Wahn*), tanto nos costumes como na arte. O “homem medida de todas as coisas” (ἄνθρωπος μέτρον ἅπάντων) se converte na verdade. A luta contra a arte atinge seu ápice em Platão, que se coloca como meta de sua vida a fundação do Estado numa base socrática e tenta, por três vezes, alcançar o poder. Tais naturezas não se conformam à obsessão. A vida na Academia sempre foi apenas um íterim em relação com os grandes projetos políticos, e o ofício de escritos somente estava a serviço da Academia a fim de fortalecer seus membros para o combate. Platão nunca pensou em uma utopia, mas acreditava ter uma missão como Sólon e Licurgo. A execução de um projeto moderado em *As leis* é curiosa, pois mostra como ele se resignou pouco em sua velhice. Somente em Aristóteles o instinto prático da filosofia parece parar: o conhecimento em si se torna um objetivo, embora sempre com consequências pessoais. Todos os sistemas pré-socráticos renascerão em formas mais sóbrias, às quais a maioria deles, mesmo os menos dotados, podem ser incluídos. Uma relação assim se encontra entre a *Academia* e os *eleatas*, entre os (cínicos) *estoicos* e Heráclito, entre os *epicuristas* e Demócrito, entre os *neoplatônicos* e Pitágoras-Platão. Os *cínicos* são consequências práticas de Sócrates, por isso Antístenes foi chamado “Sócrates enlouquecido” (Σωκράτης μαινόμενος). A seita dos cétricos se rebela contra todos os sistemas, assim como os sofistas se opunham aos filósofos antigos. Todos esses pontos de vista atenuados se esgotam nas lutas pessoais por sua exposição prática (*praktisches*) dos sistemas. Somente os peripatéticos dedicam sua energia à ciência. Em sua fundação, em Alexandria e em toda parte, surgiu este enorme mundo da investigação do qual fomos separados pela Idade Média e que só foi retomado na Renascença. Foi então que surgiu o método

³ (N.T.) Nietzsche utiliza com frequência a obra de G. Grote, *History of Greece*, publicada entre os anos de 1846 e 1856, traduzida para o alemão por Meissner entre 1850-1855.

estritamente científico: a gramática e a crítica com Aristarco e Dionísio de Trácia, os *Elementos de geometria* de Euclides; Arquimedes encontrou na teoria da alavanca o fundamento da estática, e até Galileu a mecânica não realizou nenhum progresso. Com Hiparco se desenvolveu a astronomia, e Herófilo e Erasístrat já reconheciam a anatomia como fundamento das ciências médicas.

O período que começa com Sócrates deve ser estudado a partir de Platão e Aristóteles. Este período levanta problemas filológicos imponentes: quais textos são autênticos e quais não em Platão; se existe ou não um sistema contínuo e um plano comum; o problema da forma artística; o significado do seu caráter literário; revelar a origem das ideias; estabelecer a sua relação com os sistemas mais antigos, com os seus contemporâneos, no que diz respeito à política, aos costumes e à arte.

Conclusão

O campo da ciência que é possível aqui é enorme. Na verdade, não há nada aqui tão pequeno que não suscite as comparações mais importantes. Aos poucos se torna claro que estar com um grande povo genial é como estar com um grande homem brilhante. Mesmo as menores expressões de vida ainda trazem a marca da genialidade. Aplica-se aqui aquela máxima de “se duas pessoas fazem a mesma coisa, o resultado não é idêntico” (*si duo faciunt idem no est idem*). Podemos continuar com esta comparação: os gregos são sensíveis, simples como o gênio, e por isso são mestres imortais. Suas instituições e suas criações levam o selo da simplicidade até o ponto em que, com frequência, nos maravilhados por serem nisto tão únicos. Para nosso espanto, eles são, ao mesmo tempo, tão profundos quanto simples. Sem dúvida, são raras as vezes que traduzem as profundidades de sua sabedoria e de seu conhecimento em palavras: entre o grande homem do conceito, Aristóteles, e os costumes e a arte dos helenos existe um imenso abismo; e este nos parece plano em comparação com a dimensão impenetrável do instinto grego. É oportuno colocar no número das maiores qualidades dos helenos o fato de não conseguirem transformar em reflexão o que havia de melhor neles. Isso significa que eram ingênuos. Nesta palavra se unem a simplicidade e a profundidade. Os gregos tinham em si mesmos algo de obra de arte. O mundo pode ser muito sombrio, porém basta que uma parte de vida helênica se inclua nele para que ele se ilumine. Os gregos transfiguram a história da antiguidade e constituem exatamente um refúgio para qualquer homem sério.

Nesse sentido, espero ter-lhes mostrado a tarefa da filologia: como um meio para transfigurar a própria existência e a da juventude que cresce. Queremos aprender com os gregos e queremos ensinar com os seus exemplos: essa deve ser a nossa tarefa.